

PSDB negocia mudanças no plano do PT

Joyce Jane

SÃO PAULO Parar de pregar o confronto radical no pagamento da dívida externa, ser menos contundente na questão da reforma agrária e concentrar a atuação do Estado apenas nos setores básicos da economia são algumas das reivindicações que o PSDB está fazendo para dar seu apoio integral ao candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva. Se o partido não concordar em rever essas cláusulas no seu programa econômico, o PSDB vai manter o apoio, mas apenas formalmente, sem subir nos palanques para pedir votos para Lula. Essas questões estão sendo negociadas há três dias entre o deputado petista Plínio Arruda Sampaio e o ex-governador Franco Montoro.

"Pregar a moratória com um fim nela mesma não seria uma estratégia adequada. Achamos que tem que haver a suspensão

dos pagamentos para fazer uma renegociação que dê melhores condições ao Brasil, mas não apenas defender uma moratória unilateral", explica o empresário Lawrence Pih, do Moinho Pacífico, filiado ao PSDB e um dos empresários mais comprometidos com o partido. Ele já decidiu que seu voto será para Lula, embora não o considere o candidato ideal. Ele afirma que se o PT concordar em modificar esses pontos, o PSDB "veste a camisa do PT".

Reforma definida A reforma agrária pregada pelo PT também está sendo questionada pelo PSDB. "É preciso respeitar o Congresso e, antes de tudo, esperar que ele defina o conceito de terra produtiva, que ainda não foi explicitado na Constituição", explica Pih. Ele acha que o PT tem que sentar na mesa para renegociar esses itens.

Para o economista Yoshiaki Nakano, que ajudou na elaboração do programa econômico do PSDB, as soluções propostas pelo PT são "voluntaristas porque partem do princípio que com boa vontade se faz tudo". Por isso, ele acredita que a composição é a forma mais correta de o PSDB apoiar o PT, desde que o partido

concorde em rever pontos de seus programas.

Nakano entende que nesse momento o PSDB precisa se consolidar como partido político e isso só vai acontecer se ele conseguir impor parte de seu programa em suas alianças para o segundo turno. "A questão do parlamentarismo, por exemplo. É provável que o PT concorde em defendê-lo, embora seus congressistas o tenham negado na Constituição", analisa Nakano.

Mas outras questões estão sendo impostas ao PT. Entre elas, um discurso mais moderado de Lula nesse mês de campanha, a fim de obter apoio de alguns setores mais resistentes do país. "O PT tem que ser mais moderado. Basta mudar o discurso e, ao invés de falar 'não vamos pagar', dizer 'vamos suspender o pagamento e usar esse instrumento para renociar uma forma melhor para o Brasil'. É a mesma coisa dita de forma diferente. Isso vai reduzir a resistência do empresariado", declarou o empresário. Na sua opinião, o fantasma do PT não é o programa, mas o tom. Ele afirma que com um tom mais suave a pequenos ajustes no programa econômico, o PT vai obter o apoio integral do PSDB.